

O processo de inculturação durante o proselitismo protestante indígena: um estudo de caso de evangelismo na aldeia Sateré-Mawé

The process of inculturation during indigenous protestant proselytism: a study case of evangelism in Sateré-Mawé village

El proceso de inculturación durante el proselitismo protestante indígena: un estudio de caso de evangelismo en el pueblo de Sateré-Mawé

Recebido: 14/10/2021 | Revisado: 22/10/2021 | Aceito: 16/11/2021 | Publicado: 20/11/2021

Marcelo Guedes da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0116-4202>

Faculdade Boas Novas, Brasil

E-mail: mguedesdasilva@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar uma possível conciliação entre a cultura indígena em um processo de inculturação durante o proselitismo cristão-protestante. Identificando os principais princípios a serem observados pelos índios Sateré-Mawé em sua cultura, através de uma pesquisa de campo nas aldeias próximas ao município de Maués, foi possível estabelecer qual o nível de adaptação que estes vivenciaram, ao migrar sua forma de vida para o cristianismo. A metodologia aplicada foi a de pesquisa descritiva apresentando os resultados obtidos em uma abordagem qualitativa. Essas metodologias possibilitaram o registro a análise de dados, através da aplicação de questionários e entrevistas feitas in loco. Os resultados das análises serão utilizados para apontar uma nova forma de evangelização desses povos em geral. Estabeleceu-se por meio do diagrama de causa e efeito "Ishikawa" o ciclo de planejamento, execução, verificação e ação, que facilitou a observação, coleta de dados e análise das informações obtidas, para que fosse proposto um novo modelo de ação.

Palavras-chave: Inculturação; Evangelismo; Missiologia; Sateré-Mawé.

Abstract

The work investigated a possible reconciliation between indigenous culture in a process of inculturation during christian-protestant proselytism. By identifying the main principles to be observed by the Sateré-Mawé Indians in their culture, through a field research in the villages near the Maués city, it was possible to establish the level of adaptation that they experienced, when migrating their way of life to the christianity. The methodology applied was that of descriptive research presenting the results obtained in a qualitative approach. These methodologies made it possible to record data analysis, through the application of questionnaires and interviews carried out on the spot. The results of the analyzes will be used to point out a new form of evangelization for these peoples in general. The cycle of planning, execution, verification and action was established through the cause and effect diagram "Ishikawa", which facilitated the observation, data collection and analysis of the information obtained, so that a new action model could be proposed.

Keywords: Inculturation; Evangelism; Missiolog; Sateré-Mawé.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo investigar una posible reconciliación entre la cultura indígena en un proceso de inculturación durante el proselitismo cristiano-protestante. Identificando los principios fundamentales a ser observados por los indígenas Sateré-Mawé en su cultura, a través de una investigación de campo en pueblos cercanos al municipio de Maués, fue posible establecer qué nivel de adaptación experimentaron al migrar su forma de vida al cristianismo. La metodología aplicada fue una investigación descriptiva que presenta los resultados obtenidos en un enfoque cualitativo. Estas metodologías permitieron registrar y analizar datos, mediante la aplicación de cuestionarios y entrevistas realizadas in loco. Los resultados de los análisis servirán para señalar una nueva forma de evangelizar a estos pueblos en general. A través del diagrama de causa y efecto "Ishikawa", se estableció el ciclo de planificación, ejecución, verificación y acción, que facilitó la observación, recolección de datos y análisis de la información obtenida, para que se pudiera proponer un nuevo modelo de acción.

Palabras clave: Inculturación; Evangelismo; Misionología; Sateré-Mawé.

1. Introdução

O processo evangelístico, tão comum no cristianismo, tem como premissa levar a palavra de Deus, a todas as nações, tribos, povos e línguas, com o intuito de fazer cumprir a Grande Comissão, ordenada por Jesus nos evangelhos. É, portanto, dever de todo cristão e toda cristã, e em casos mais específicos, como acontece na maioria dos evangelismos feitos em aldeias indígenas, realizada por missionários ou missionárias, o que acontece desde a colonização do Brasil.

Já no século XVI o pensamento de que os índios eram uma espécie de cheque em branco já era presente, como muito bem apresenta o professor Castro (2000, p. 10) ao citar uma carta jesuíta de Manuel da Nóbrega: “O povo daqui é como papel em branco, pode-se escrever o que quiser nele, porque não possui qualquer religião anterior”. Tal pensamento, atravessou séculos, e apesar de engessado, continua presente. Portanto, faz-se estritamente necessário um novo modelo de inserção, que contemple todo o arcabouço histórico de um povo, e ao mesmo tempo, o evangelho possa ser levado sem macular sua cultura e costumes.

Dentro desse cenário de evolução, dos tempos, da igreja e dos indígenas, uma mudança de paradigma na forma como se expõe o novo, com adoção de um modelo orientado a interculturalidade, tem o potencial de dar um novo rumo a forma como as missões são hoje realizadas.

Nesta conjectura, onde o proselitismo cristão-protestante nas aldeias indígenas no Amazonas é duramente criticado por alguns, alegando que estes perdem sua identidade após a conversão, o estudo de inculturação em povos indígenas vem a ser exatamente o que se necessita, ao abranger de forma completa e imparcial todos os aspectos deste fenômeno religioso em si. Um dos meios de diferenciação deste nicho de estudo está no ineditismo, através de uma consistente análise das variáveis investigadas.

Para tanto, o estudo se posicionou tal como roga a Ciência das Religiões, ou seja, analisando o fenômeno a partir de sua epistemologia, procurando ter ciência dos conceitos, delimitando os âmbitos de abordagem para indicar as possíveis transformações causadas em um povo, através da prática do proselitismo e a inculturação destes. Nesse contexto, a proposta de trabalho científica visa apresentar conceitos, definições e ferramentas necessárias a pesquisadores sobre a alteração ou não da cultura, costumes, fé e cosmovisão de indígenas, especificamente dos Sateré-Mauwé, baseando-se em princípios da Ciência das Religiões, voltados a perceber como as ações evangelísticas se articulam na metanoia de um povo.

Este trabalho portanto orientar-se-á no sentido de medir as informações prestadas pelos próprios indígenas, e analisar essas informações de maneira a servir de base para avaliação e adoção de novos procedimentos evangelísticos.

Buscou-se reunir dados/informações com o propósito de responder ao seguinte problema da pesquisa: É possível a formulação de um modelo evangelístico, considerando as diversidades culturais, contemple dimensões dos dogmas cristãos, sem que haja necessariamente uma aculturação?

O objetivo das missões cristãs visa alcançar todas as ‘nações, tribos, povos e línguas’. Isso, porque à medida que o cristão passa a se identificar com o Evangelho existe a possibilidade de este exercer seu chamado de missões, da difusão desta palavra, que é obrigação de todo cristão. E uma das estratégias para atribuir essa identificação aos cristãos está voltada para missiologia, ou aqui neste estudo em específico, evangelização. O modelo, já engessado pelo tempo, carece de mudanças, portanto, estabelecer um novo modelo de inserção faz-se necessário.

Partiu-se da hipótese que assimilando as referências já obtidas através de outros pesquisadores, é possível concretizar um modelo de inculturação no evangelismo indígena, de forma estratégica, utilizando ferramentas que não estejam ultrapassadas.

A relevância deste artigo contribui, diretamente, para estudos e mudanças de estratégias que auxiliarão nas missões, e assim aprimorar o evangelismo de povos distantes da sociedade moderna. O artigo também tem como objetivo mostrar de forma clara, as melhores estratégias para se obter com sucesso, a capacidade de evangelismo sem que necessariamente aquele

povo necessite mudar todo seu modus operandi.

2. Referencial Teórico

O conceito inicial de inculturação foi se desenvolvendo conforme as décadas, e se espalhando por estudos em geral de origens cristãs, adotando várias metodologias. Esse conceito foi associado somente à agregação de uma cultura, por outra. Este artigo visa estudar este processo, em específico na aldeia indígena Sateré-Mawé, com uma comunidade grande e atuante no município de Maués. A pesquisa se deu através de campo, mas também pode ser classificada como qualitativa, pois foram feitas entrevistas com indígenas que passaram por este processo de inculturação, e claro bibliográfica, pois embasou o conhecimento científico em material já existente através de livros e artigos publicados. Nesse contexto, verificou-se que as missões que fazem uso do modelo de tradução do evangelho para culturas como estratégia, não era mais suficiente para as demandas do processo prosélito e surgiu a necessidade de olhar mais de perto para os fatores ligados à evangelização de indígenas ou comunidades distantes da cultura do homem branco. A partir daí, grandes mudanças possam vir a acontecer nos sistemas e processos de evangelização. Isso se deve a imensa importância sobre a ligação da cultura indígena e os processos dentro dela. Será que a cultura destes, devem ser de fato e por completo extinguidas para que a cultura, no caso estudado – cristã, possa ser imbuída de autenticidade? Afinal, Deus já se fazia presente nas culturas indígenas muito antes dos primeiros missionários cristãos chegarem nas Américas. Através de estudiosos da área que já apontaram a inculturação como poderosa ferramenta, pois não faz uma simples adaptação do modo de viver de um povo, mas consegue preservar sua forma de ver/sentir/ouvir Deus, sem abandonar toda sua cultura, percebeu-se ser este o caminho que apontará o futuro de como se aproximar de povos distantes.

Diante das intempéries teológicas do mundo atual, um fator que permanece em evidência é justamente a importância do evangelismo. É neste ramo do cristianismo que se apresenta como a principal responsável pela difusão e expansionismo do cristianismo, e por mais divisões que o protestantismo possa ter, há um ecumenismo entre todas as partes ao acreditar que este ponto em questão, todos devem praticar, a ponto de garantir a salvação a todos os povos em consonância com a Grande Comissão, gerando assim, conflitos externos com algumas áreas do conhecimento que acreditam que o evangelismo desguarnece a cultura de alguns povos, como os povos indígenas, promovendo assim, alavancagem prosélita de uma maioria, que não contempla uma interculturalidade, e tampouco valoriza a cultura indígena, com respaldo na afirmação de Oliveira (2012, p.1068), segundo a qual "[...]Uma evangelização que contemplasse a cultura, a partir de dentro, percebendo os sinais de Deus nessa cultura, teria um papel libertador".

É fato que nos moldes protestantes, o não abandono de certas práticas poderá ser visto como um sincretismo religioso, e essa problemática terá interação direta com toda a cadeia de missiologia que hoje é praticada. Procurou-se portanto estudar, quais os limites para que a fé protestante seja hospedada em uma cultura inteiramente cristã evangélica e quais preceitos culturais tiveram que ser desamparados em prol de um axioma exclusivo e restritivo, considerado maior, e portanto necessário para a sua aceitação.

De acordo com Oliveira (2012), essa interação implica “na não-demonização da fé dos povos originários e na busca por diálogo entre o pensamento cristão e o pensamento indígena quanto aos conteúdos da fé”.

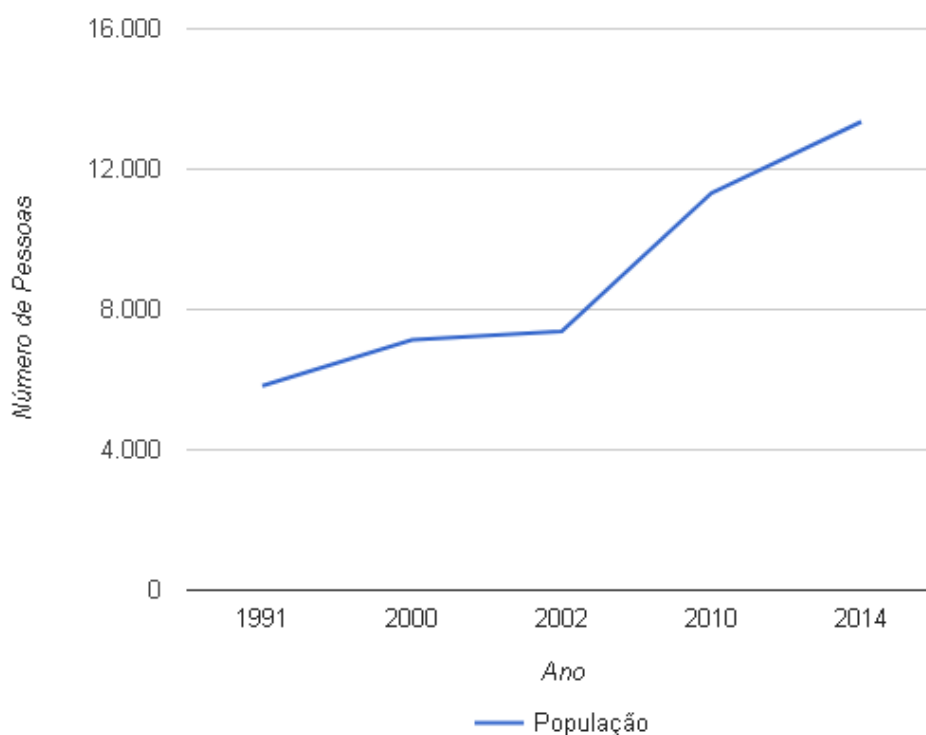
Estudou-se também os preceitos soteriológicos para que esta doutrina seja acatada e os Sateré-Mawé pudessem ser considerados salvos, dentro de uma teologia cristã-protestante pentecostal. O que realmente deve ser abandonado dentro deste processo, e a partir de qual instância o indígena está condicionado a aceitar este discurso, como sendo seu novo paradigma de vida. Nessa concepção foram implementados os indicadores comparativos entre as duas culturas, a fim de relacionar ambas de maneira coerente.

e caça em um relacionamento totalmente profícuo com o meio em qual vive. Sobre parte de sua cultura e seu modo de viver, sabe-se que:

[...] entre eles não há classes sociais, como as do homem branco. Todos têm os mesmos direitos e recebem o mesmo tratamento. A terra, por exemplo, pertence a todos e quando um índio caça, costuma dividir com os habitantes de sua tribo. Apenas os instrumentos de trabalho (machado, arcs, flechas, arpões) são de propriedade individual. O trabalho na tribo é realizado por todos, porém possui uma divisão por sexo e idade. As mulheres são responsáveis pela comida, crianças, colheita e plantio. Já os homens da tribo ficam encarregados do trabalho mais pesado. A coletividade era uma característica marcante entre os índios. Suas cabanas eram divididas entre vários casais e seus filhos (FILHO, 2015, p. 26).

Se seu território foi diminuído drasticamente com o passar dos séculos, o mesmo não se pode dizer de sua demografia, que teve um relativo aumento nos últimos anos, segundo dados do Instituto Socioambiental (Figura 2).

Figura 2 – Dados Demográficos da Terra Indígena Sateré-Mawé.



Fonte: Instituto Socioambiental (ISA) (2020).

2.2 Cosmvisão Sateré-Mawé

Na cosmvisão ancestral Sateré-Mawé há ritos e mitos que relatam heróis míticos que reluzem a imagem de um deus, histórias de guerras que ajudaram o povo a moldar-se de acordo com seus próprios códigos de conduta.

Dessa feita, uma peça de madeira se sobressai sobre toda a importância histórica, sendo capaz de relatar toda a cultura material e imaterial dos Sateré-Mawé – o Porantim.

O Porantim possui um leque de atributos: é o legislador social e os Sateré-Mawé frequentemente se referem a ele como sendo sua Constituição ou sua Bíblia; possui poderes de entidade mágica, uma espécie de bola de cristal que prevê acontecimentos, podendo andar sozinho para apartar desavenças e conflitos internos; O Porantim é o suporte onde estão gravados, de um lado, o mito da origem ou da História do Guaraná, de outro, o mito da guerra. Posiciona-

se portanto, para a sociedade que o talhou, como instituição máxima, aglutinando as esferas políticas, jurídica, mágico-religiosa e mítica (Lorenz, 1992, p. 15).

Segundo os contos tuxauas, o primeiro Porantim surgiu através de um guerreiro Sateré-Mawé, com atributos de deidade, que lutava contra a tribo dos veados, utilizando estratégias que misturava destreza de um herói mítico com a feitiçaria de um mundo antigo, conseguira tomar a arma do clã dos veados, nascendo assim o primeiro Porantim dos Sateré-Mawé (Povos Indígenas no Brasil, 2020).

Em entrevista feita a um Sateré-Mawé, que atualmente é pastor titular de uma igreja pentecostal no município de Maués, afirma que:

Pelo q vemos nos históricos dos anciãos Satere-Mawes eles acreditavam que o mundo seria o seu campo d oportunidades para ser feliz dentro das suas possibilidades de forma natural, sem que houvesse interferências ou modificações culturais. Hoje eu acredito, que nossa visão cósmica alcançou um outro nível enxertado por conhecimentos e culturas nao indígenas ao ponto de vermos o mundo de uma maneira q nos oferece grande chances d igualar nossa posição à qualquer classe humana em todas as áreas. Desde os mais ancestrais existe uma crença em um ser superior chamado TUPANA o criador do universo. Um Ser inviável que mesmo sem nenhum escrito sobre Ele entre o povo Satere-mawe já se acreditava q ele existia e q era o Espirito Todo Poderoso (ANDRADE, Leonardo Alves de. Entrevista concedida a Marcelo Guedes da Silva. Maués, 29 de maio de 2020. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice “A” deste artigo].

Apesar de escassa literatura acerca da cosmovisão dos Sateré-Mawé, percebe-se uma simplicidade típica na sua forma de ver o mundo, em um ser superior e criador de todas as coisas, porém, sem um mediador ou salvador.

2.3 Evangelização Aculturada x Evangelização Inculturada

Embora ambas as palavras sejam dadas como sendo originadas do latim, a proximidade de ambas termina aí, pois são bem distintas entre si. Dois dos mais renomados dicionaristas brasileiros, a saber, Antônio Houaiss e Aurélio Buarque, assim nos apresentam a etimologia dessas palavras:

ACULTURAÇÃO. s.f. 1. Processo de alteração cultural de uma pessoa, grupo ou sociedade que busca se adaptar a outra cultura ou retira dela aspectos importantes: aculturação de comunidades indígenas.

E ainda

INCULTURAÇÃO. S.f. 1. Aquisição gradual dos preceitos, dos hábitos, das normas e das características de uma cultura ou de um grupo por outra (cultura ou pessoa).

Pode-se dizer, que hoje, o modelo adotado no evangelismo cristão de forma geral é o que transpassa pela aculturação, ou seja, os emissários do cristianismo que chegam a um povo distante, normalmente aprendem a língua deste povo para que possam transmitir a mensagem e em seguida, ao anunciar o Evangelho, aquele povo passa por um processo de alteração cultural, a fim de se adaptar a sua nova cultura, sua nova forma de viver e enxergar o mundo. Nesse ínterim o povo em questão, abandona certas práticas, que dever-se-ão ser consideradas profanas, em uma cultura sagrada. O processo de inculturação, tende a resolver esse critério, ao fazer não apenas uma adaptação, mas uma transculturação entre os dois povos, possibilitando a aquisição gradual dos preceitos cristãos, sem que estes sejam vistos exatamente como profanos. Para o pesquisador Castro (2000) isto seria impossível:

É possível evangelizar sem aculturar? Minha resposta clara é: Não! Acho que não! A começar, porque religião e cultura são uma coisa só, logo, ou se redefine radicalmente a noção de evangelização ou, a meu ver, temos uma contradição interna. Quando os jesuítas diziam que os índios não tinham religião, que os problemas deles eram os maus costumes, eles estavam sendo, na verdade, muito mais espertos do que pareciam, porque eles percebiam perfeitamente que para você converter os índios, primeiro precisava mudar a cultura deles, que não havia jeito de eles serem católicos. Os jesuítas logo perceberam que não adiantava chegar e pregar o catolicismo. Eles tinham primeiro que desidentizar para em seguida transformar em católico, porque de outro jeito não ia dar" (CASTRO, p. 28).

Por outro lado, Oliveira (2012), não só acredita na possibilidade de uma inculturação, como acredita que a essência indígena já denota o âmago do verdadeiro cristianismo:

Os povos não têm que renunciar às próprias raízes culturais se quiserem ser cristãos. Será que existe contradição insuperável entre as propostas fundamentais de Cristo e os pressupostos teológicos dos povos indígenas? É bem provável que as diferenças sejam somente de forma e não de conteúdo. Aliás, boa parte dessas propostas é mais bem expressa na cultura dos nossos povos originários, de modo que será enriquecedor para as igrejas que, por meio dos índios, se reencontrarão com o mais puro da mensagem evangélica e da tradição cristã. A religiosidade índia cria uma teologia mais prática, fruto da experiência vivida que se encontra refletida nos mitos e ritos, no trabalho e na vida social do povo. Está fundamentada, muito mais que a cultura ocidental, na reciprocidade e no compartilhar, na gratuidade do relacionamento com Deus (Ele dá, Ele tira) e com os outros, e no verdadeiro sentido da diaconia: amor fraterno. Mais das culturas indígenas se aproxima do evangelho que nossa cultura ocidental atual. Temos muito que aprender com as culturas desses povos. Eles encarnavam naturalmente valores defendidos pelo evangelho (Oliveira, 2012, p. 13).

Assim sendo, esse estudo utilizou de técnicas da gestão da qualidade, capazes de quantificar e comparar os dados coletados na pesquisa de campo, a fim de responder a essa problemática, da possibilidade ou não de um evangelismo inculturado, e se sim, como este novo modelo poderia se dar em um contexto amazônico, a partir de estudos com os Sateré-Mawé.

3. Metodologia

O material utilizado foi obtido através de questionários aplicados, entrevistas e visitas técnicas ao local, aldeias próximas ao município de Maués, Estado do Amazonas, o que caracteriza este artigo como uma pesquisa de campo.

Através de visitas técnicas a Funai (Fundação Nacional do Índio) e em tribos indígenas Sateré-Mawé no município de Maués, pôde-se constatar, através de entrevista e aplicação de questionários, as principais mudanças culturais que os índios hoje denominados cristãos-evangélicos pentecostais, sofreram durante o processo de conversão.

A princípio, é unânime o abandono da pajelança, pois ela é vista por 89,90% dos entrevistados como paganismo, e, portanto, impróprio para sua nova forma de ver o mundo.

Em seguida o abandono das festas apareceu em segundo lugar da lista, com 79,7% dos entrevistados alegando como improcedentes continuar com festas, pois durante elas, os cânticos, os ritos, as invocações, são feitas a outra entidade.

Por fim, foi citado 10 vezes o abandono do ritual da tucandeira, mesmo que algumas denominações não proibam o ritual em si, muitos indígenas largaram o ritual após a conversão.

Assim sendo, percebe-se que os pontos principais a serem estudados ficarão entre a pajelância, o ritual da tucandeira, as festas culturais e o Porantim.

3.1 Análise dos Dados Obtidos

A fim de desenvolver um método que procure não apenas adequar uma cultura em outra, mas sim, vivenciar sua própria cultura em um processo de inculturação, buscou através dos dados obtidos fazer um ciclo de planejamento, execução, verificação e ação, que facilitará a busca de um novo modelo de ação evangelizadora. Para isso, o diagrama de causa e efeito

Ishikawa mostrou-se a ferramenta mais indicada, pois foi desenvolvido para representar a relação entre o efeito e todas as possibilidades de causa que podem contribuir para este efeito.

Segundo Machado (2012), o diagrama de Ishikawa é também conhecido como

[...] diagrama de causa e efeito ou ainda diagrama espinha de peixe tem como finalidade explorar e indicar todas as causas possíveis de uma condição ou um problema específico. O diagrama de causa e efeito foi desenvolvido para representar a relação entre o efeito e todas as possibilidades de causa que podem contribuir para esse efeito. Foi desenvolvido por Kaoru Ishikawa, da Universidade de Tóquio, em 1943, onde foi utilizado para explicar para o grupo de engenheiros da Kawasaki Steel Works como vários fatores podem ser ordenados e relacionados. As causas de um problema podem ser agrupadas, a partir do conceito dos 6M, como decorrentes de falhas em materiais, métodos, mão de obra, máquinas, meio ambiente, medidas. O uso dos 6M pode ajudar a identificar as causas de um problema e servir como uma estrutura inicial para facilitar o raciocínio na sua análise (Machado, 2012, p. 47).

Embora saibamos que esta ferramenta é largamente utilizada na administração, gestão, indústria, ciências, não se encontrou uma referência sobre sua utilização em religiões ou estudos sociológicos, o que coloca este artigo como pioneiro na utilização desta ferramenta com este objetivo-fim. Como o objetivo é justamente encontrar as falhas no processo evangelístico atual, e de forma sintática, apontar para um novo modelo, nada melhor que uma ferramenta comprovadamente testada, para quantificar esses dados e nos mostrar o caminho para um processo incultural no evangelismo indígena.

O Diagrama foi elaborado levando-se em consideração aos 6M's, porém, foi deixado de lado o campo Máquinas, por ser um dado ausente em uma pesquisa sociológica.

Figura 3 – Diagrama de Ishikawa.



Fonte: Autores.

Através desses dados, ficou visível os pontos a serem observados a fim de que um novo modelo possa ser proposto. Em Medida, os entrevistados responderam que não conseguem medir nenhuma forma de que o evangelismo possa ter sua cultura modificada, o que é posto como uma das dificuldades para a resolução deste problema, bem como aqueles que responderam não acreditar ser possível uma inculturação.

Em Método, o ritual da tucandeira foi apresentado como o que mais apareceu nas respostas dos entrevistados, alguns abandonaram por completo a prática, outros a mantêm, como forma de imunização contra diversas doenças.

Em Pessoas, o Pajé foi o ponto visto com maior repudia por parte dos indígenas, graças a sua prática mítica, o que é visto pelos indígenas protestantes como paganismo.

Para Ambiente, foi designado as festas culturais, apontado pela maioria, como uma das práticas que logo é abandonada, após a conversão indígena, por possuir danças, ritos e mitos tidos como paganismo pelos cristãos protestantes pentecostais.

Em materiais, o Porantim foi o que apareceu em maior quantidade nas respostas, como um material que praticamente desaparece após a conversão de um Sateré-Mawé.

4. Resultados e Discussão

Neste trabalho pesquisou-se sobre o processo prosélito em uma aldeia indígena Sateré-Mawé, no interior do Amazonas. Percebeu-se, através de referenciais teóricos, entrevistas, aplicação de questionários, e visitas técnicas a aldeias da tribo, que os índios que hoje, alegam ter-se convertido ao cristianismo, mais especificamente, a uma igreja cristã protestante pentecostal, abandonaram uma série de preceitos de seus antepassados, a fim de serem aceitos em sua nova cultura, e a partir disso, pensou-se se seria possível o evangelismo pudesse seguir um padrão de inculturação, e não de aculturação como ocorre atualmente.

Os índios Sateré-Mawé, que já foram considerados uma tribo guerreira e foram extremamente numerosos no norte do Brasil, tem suas peculiaridades. A princípio, a única deidade por eles conhecida, é Tupã, ser com características míticas e heroicas, que é descrito em alguns Porantins, material utilizado por eles como legislador e livro histórico. Um dos rituais que deixaram os Saterés mais famosos, o ritual da Tucandeira, é hoje um dos meios econômicos mais abrangentes para índios que vivem próximos a metrópoles, pois o ritual é aberto ao público, que pagam para assistir as crianças colocarem os braços dentro de uma luva cheia de formigas tucandeiras vivas, cujas ferroadas são conhecidas pela dor.

Assim sendo, percebeu-se que na verdade os personagens, os materiais utilizados, os métodos, o ambiente que eles abandonam, já existem dentro do cristianismo, com outros nomes, o que não precisaria de fato haver um completo abandono. O pajé, figura emblemática que é abandonada após a conversão dos indígenas, é um instrumento mediador de curas milagrosas e libertação, tal como muitos pastores hoje são. As festas culturais, consideradas pagãs pelos indígenas, por haver danças, cânticos e ritos que não professam louvores a Deus, podem ser entretanto, facilmente adaptadas a nova realidade, e vistas ainda como uma festa cultural, sem o endeusamento mítico-pagão que lhes são impostas.

O Ritual da Tucandeira, nada precisa ser feito, pois algumas igrejas não impõe a restrição a este ritual, tendo em vista que são vistos também como atos imunizadores para os indígenas.

Assim sendo, um modelo de evangelização, que transpasse toda a cultura Sateré-Mawé, para o cristianismo, sem que a mesma seja vista como seita, ou ainda, como uma espécie de sinergismo religioso, é perfeitamente possível, tendo em vista que os ritos, os mitos, as curas milagrosas, o exorcismo, as festas com danças cânticos e mitos, já são praticadas no pentecostalismo. Faz-se necessário portanto, um modelo que abarque cada ensinamento, adaptando tais preceitos para uma nova realidade, sem necessariamente que sejam vistos como pagãos ou infiéis, por manter sua cultura, através de uma nova cultura, a saber, o cristianismo.

5. Conclusão

Ao chegar no final deste artigo consideramos que ele apresenta uma tentativa de compreensão da comunicação de um povo indígena e o homem branco, através de ações missionárias em geral. Mas, ponderamos que esta pesquisa apresenta apenas alguns aspectos relativos ao tema proposta, ficando algumas lacunas que podem e devem ser preenchidas por meio de

outras reflexões sobre o tema e objeto estudados.

Após séculos de evangelismo cristão realizados em favor do desenvolvimento e crescimento desta religião, constatamos que as práticas utilizadas visam resultados imediatos e muitas vezes com objetivos meramente exclusivos a cultura de um povo.

O objeto de estudo deste artigo é a tribo Sateré-Mawé, com indígenas que vivenciaram o processo de aculturação através de missões evangelísticas de igrejas cristãs protestantes. Foi constatado que os índios para aceitarem sua nova fé, necessitam sofrer um processo de abandono de sua cultura anterior, para a inclusão de uma nova, sem que aspectos que não sejam considerados inflacionários possam ser levados em consideração.

Por fim, identificamos através de pesquisa de campo, entrevistas e aplicação de questionários, os principais ritos culturais apontados como sendo excludentes da fé, e através de uma ferramenta de gestão da qualidade, procurou-se entender este fenômeno, tentando responder a pergunta se seria possível o mesmo processo evangelístico ocorrer, sem que haja uma aculturação, mas sim, uma inculturação, respeitando ambas as culturas, e não havendo um abandono total de ritos culturais que perduram há séculos.

Assim como a tecnologia, a ciência, os países, o clima, o mundo mudam a todo instante, a cultura na linha histórica da humanidade costuma acompanhar essas mudanças, e faz-se necessário portanto, que o resgate histórico ocorra, para que civilizações não esqueçam de suas raízes, e ao mesmo tempo, os cristãos não sejam impedidos de realizar práticas evangelísticas.

Como abordado anteriormente o presente trabalho trata sobre inclusão dos povos indígenas Sateré-Mawé na religião protestante, para trabalhos futuros podemos considerar um estudo sobre outras religiões tais como catolicismo, adventismo e testemunhas de Jeová.

Referências

- Baines, S. G. (1997). *Uma tradição indígena no contexto de grandes projetos: os Waimiri-Atroari*. Anuário Antropológico. Tempo Brasileiro.
- Botelho, J. B & Weigel, V. A. C.M (2011). *Comunidade Sateré-Mauwé Y'Apyrehyt: ritual e saúde na periferia urbana de Manaus* (pp 723-744). In: História, Ciências, Saúde.
- Castro, E. V. (2000). *O Papel da Religião no sistema social dos Povos Indígenas*. Caderno 5, FONAPER.
- DICIO. (2020). *Dicionário Online de Português*. 7Graus. <https://www.dicio.com.br/trabalho/>.
- Estrela, C. (2018). *Metodologia Científica: Ciência, Ensino, Pesquisa*. Editora Artes Médicas
- Filho, E. G. S. (2015). *Projetos Desenvolvimentistas na Amazônia e a resitência dos Waimiri-Atroari (1964-2014)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- Google Earth-Mapas (2020). *Reservas Sateré-Mauwé*. <https://earth.google.com>.
- IBGE. (2020). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/am/manaus/pesquisa/23/22107>.
- Koche, J. C. (2011). *Fundamentos de metodologia científica*. Petrópolis: Vozes. http://www.brunovivas.com/wp-content/uploads/sites/10/2018/07/K%20-%20B6che-Jos%20-%20A9-Carlos%20-%20Fundamentos-de-metodologia-cient%20-%20ADfica_-teoria-da%20-%20Aci%20-%20Ancia-e-inicia%20-%20A7%20-%20A3o-%20-%20A0-pesquisa.pdfhttps://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15824/Lic_Computacao_Metodologia-Pesquisa-Cientifica.pdf?sequence=1
- Lakatos E. M. & Lakatos M. (2003). *Fundamentos de Metodologia*. Atlas.
- Lakatos E. M. & Lakatos M. (2005). *Fundamentos de Metodologia*. (6a ed.), Atlas.
- Lorenz, S. S. (1992). *Sateré-Mawé: os filhos do guaraná*. Centro de Trabalho Indigenista.
- Ludke, M. & Andre, M. E. D. A. (2013). *Pesquisas em educação: uma abordagem qualitativa*. E.P.U.
- Machado, S.S (2012). *Gestão da Qualidade*. Inhumas: IFG; Universidade Federal de Santa Maria.
- Oliveira, D. M. (2012). Por uma Teologia Índia Cristã. In: Congresso Internacional Da Faculdade Est, 1., São Leopoldo. Anais do Congresso Internacional da Faculdade EST. EST, (pp 1066-1080).

Pereira A. S. et al. (2018). *Metodologia da pesquisa científica*. UFSM.

Pieper, F. (2018). *Aspectos históricos e epistemológicos da Ciência da Religião no Brasil: Um estudo de caso*. Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 21, n2(pp 232-291)

Povos Indígenas no Brasil (2020). *Quadro Geral dos Povos*. https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal.

Povos Indígenas no Brasil (2020). Sateré-Mauwé. https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sater%C3%A9_Maw%C3%A9#Nome

Yin, R. K. (2015). *O estudo de caso*. Bookman